



FÁTIMA LUZ E PAZ

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

Diretor: Carlos Cabecinhas

Publicação Trimestral | Ano 20 | 70

*Como Maria, Portadores da Alegria e do Amor:
Louvai o Senhor, que levanta os fracos*

O regresso dos protagonistas de Fátima à Cova da Iria

/ Pe. Carlos Cabecinhas

O Santuário de Fátima existe por causa dos peregrinos e para os peregrinos. Por isso, depois de tantas limitações impostas pela pandemia, podermos assistir ao progressivo regresso dos peregrinos é sinal de esperança e motivo de contentamento, pois os peregrinos são os grandes protagonistas de Fátima.

Desde início, não foi a hierarquia – bispos e presbíteros – que liderou o desenvolvimento de Fátima e daquilo que viria a ser o Santuário: foram os peregrinos. Como disse o D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal-Patriarca de Lisboa, não foi a Igreja que impôs Fátima: foi Fátima que se impôs à Igreja.

Foi o povo de Deus que, ouvindo falar das aparições, começou a acorrer à Cova da Iria nos dias 13, a partir de maio e que, em outubro, formava já uma multidão impressionante. Foram estes primeiros peregrinos a dar seguimento ao pedido expresso de Nossa Senhora de construir uma capela no lugar das aparições: a Capelinha, construída em 1919, dinamitada em 1922 e reconstruída em 1923. Foi um devoto leigo de Torres Novas, chamado Gilberto Fernandes dos Santos, que tomou a iniciativa de mandar esculpir uma imagem para a veneração dos fiéis e que chegou a Fátima em 1920. Foram os peregrinos que determinaram alguns dos aspetos mais emblemáticos e icónicos das peregrinações a Fátima, como é o caso da procissão de velas e do acenar com lenços brancos na procissão do adeus... Em suma, os peregrinos foram os protagonistas da afirmação de Fátima, da receção da mensagem, do crescimento do Santuário e das suas mais expressivas manifestações.

Porque os peregrinos continuam a ser os protagonistas de Fátima, assistir ao seu progressivo regresso ao Santuário, apesar de todas as dificuldades do momento presente, é um sinal animador. O Santuário tem procurado oferecer possibilidades de fazer a experiência de Fátima pelos meios digitais, neste tempo de pandemia, e continuaremos a desenvolver essas possibilidades depois de ultrapassada a situação pandémica, mas o nosso desejo é que os peregrinos de todas as partes do mundo possam regressar ao Santuário, onde os espaços estão preparados para que todos se sintam seguros.

Itinerário do Peregrino 2020-2023 já está disponível

Proposta pretende ajudar peregrinos a conhecer os vários espaços do Santuário de Fátima, numa perspetiva espiritual inserida no tema do triénio “Como Maria, Portadores da Alegria e do Amor”. *Cátia Filipe*



O Itinerário do Peregrino 2020-2023 já está disponível nos vários postos de distribuição do Recinto de Oração do Santuário de Fátima e na zona dos Valinhos e Aljustrel.

São duas propostas que pretendem ajudar os peregrinos a conhecer os vários espaços do Santuário de Fátima e zona envolvente, numa perspetiva espiritual inserida no tema pastoral do triénio “Como Maria, Portadores da Alegria e do Amor”.

O Itinerário do Peregrino 2020-2023 distribuído no Recinto de Oração do Santuário de Fátima começa na Cruz Alta, seguindo para a Capelinha das Aparições. No piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade os peregrinos são convidados a contemplar os espelhos de água e a rezar na Capela do Santíssimo Sacramento. Seguem-se os vitrais da fachada da Basílica da Santíssima Trindade, passando pelo monumento ao Muro de Ber-

lim, findando na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

O Itinerário do Peregrino 2020-2023 distribuído na zona dos Valinhos e Aljustrel conduz os peregrinos pela Via-Sacra no Caminho dos Pastorinhos, seguindo até à Loca do Cabeço e monumento dos Valinhos. Posteriormente, os peregrinos são convidados a visitar o Poço do Arneiro e a Casa de São Francisco e Santa Jacinta.

Estes itinerários estão disponíveis em papel, de forma gratuita, nos sete idiomas oficiais do Santuário de Fátima – português, espanhol, italiano, francês, alemão, polaco e inglês –, em vários dispensadores ao longo do Recinto de Oração e no Posto de Informações em Aljustrel.

Brevemente, estarão disponíveis também em formato digital, acessível nos smartphones e tablets, bem como em formato podcast.

Sétima Aparição completa 100 anos

Última aparição na Cova da Iria foi dirigida a Lúcia, a única vidente viva em 1921, tendo Nossa Senhora cumprido o que anunciou a 13 de maio de 1917, quando disse aos Pastorinhos que haveria de voltar ainda uma sétima vez. / Carmo Rodeia

Em 15 de Junho de 1921, Lúcia visita a Cova da Iria, com o intuito de se despedir deste lugar. Embora sem vontade tinha anuído à proposta do Bispo de Leiria para partir, mas Lúcia estava hesitante. O convite do bispo, para ir para o Asilo de Vilar, no Porto, tinha sido tentador do ponto de vista da exposição, já que a procura da pequena vidente não lhe dava sossego, mas Lúcia já estaria arrependida, acusando o peso da separação da família e dos locais que lhe eram familiares.

“A alegria que senti ao despedir-me do Senhor Bispo, durou pouco tempo. Lembrava-me dos meus familiares, da casa paterna, da Cova da Iria, Cabeço, Valinhos, do poço... e agora deixar tudo, assim, de uma vez para sempre? Para ir não sei bem para onde...? Disse ao Sr. Bispo que sim, mas agora vou dizer-lhe que me arrependi e que para aí não quero ir”, conta a religiosa no seu Diário.

A Diocese de Leiria tinha sido restaurada em 1920, e sagrado Bispo diocesano D. José Alves Correia da Silva, que logo quis informar-se dos acontecimentos de Fátima e do paradeiro da Lúcia, única sobrevivente dos pastorinhos. Ao saber que, nessa ocasião, ela se encontrava em Fátima, pediu a uma senhora da sua confiança o favor de ir ver se, com a licença da mãe, a levava a Leiria. Assim, Lúcia encontrou-se pela primeira vez com D. José que a interrogou sobre as aparições e a aconselhou a guardar segredo do que havia testemunhado e a sair de Fátima.

Depois de ter anuído à proposta do Bispo, Lúcia entra em profundo sofrimento, arrependida entre a obediência e a sua própria vontade. E decide visitar, por uma última vez, os terrenos da Cova da Iria, tendo, de repente, tido uma visão de Nossa Senhora, como descreve na intimidade do seu diário, editado pelo Carmelo de Coimbra, uns anos mais tarde:

“Assim solícita, mais uma vez desceste à terra, e foi então que senti a Tua mão amiga e maternal tocar-me no ombro; levantei o olhar e vi-Te, eras Tu, a Mãe bendita a dar-me a mão e a indicar-me o caminho; os Teus lábios descerraram-se e o doce timbre da tua voz restituiu a luz e a paz à minha alma: ‘Aqui estou pela sétima vez, vai, segue o caminho por onde o Senhor Bispo te quiser levar, essa é a vontade de Deus. ‘Repeti então o meu ‘sim’, agora bem mais consciente do que, o do dia 13 de Maio de 1917 e enquanto que de novo Te elevavas ao Céu, como num re-

lance, passou-me pelo espírito toda a série de maravilhas que naquele mesmo lugar, havia apenas quatro anos, ali me tinha sido dado contemplar.” E, prossegue: “Por certo que, desde o Céu, o Teu maternal olhar me seguia os passos e no espelho Imenso da Luz que é Deus, viste a luta daquela a quem prometeste especial proteção. “Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.”



Completam-se cem anos desta aparição que é, porventura, pela sua natureza e pela destinatária, uma aparição dirigida a Lúcia e que iria moldar a sua história vocacional. Menos conhecida do que as restantes, não só as ocorridas na Cova da Iria e testemunhadas pelos primos Francisco e Jacinta Marto, mas também as ocorridas em Espanha, esta aparição assume, por isso, um carácter mais místico e molda o caminho de santidade da vidente de Fátima, que viveu sempre longe da Cova da Iria daí em diante.

No dia seguinte à aparição, Lúcia sai de Aljustrel, a caminho do Asilo de Vilar, no Porto, onde é admitida em 17 de junho à guarda das religiosas de Santa Doroteia, tomando o nome de Maria das Dores, nome sugerido por Mons. Manuel Pereira Lopes, confessor da casa, que em carta a D. João Pereira Venâncio, explica que, “quando ela entrou, sob condição de se guardar segredo, no Asilo de Vilar, assisti ou fui o padrinho da substituição do seu nome para Maria das Dores, que era o nome da então superiora do Asilo (Madre Maria das Dores Magalhães). Ela compreendeu as vantagens da substituição e foi fiel à

promessa de segredo”.

Professou como religiosa doroteia em 1928, em Tui (Galiza, Espanha), onde viveu alguns anos. Pouco tempo depois morou em Pontevedra, Galiza, onde também se lhe apareceu a Virgem em 1925 nas Aparições de Pontevedra.

Lúcia haveria ainda de experimentar mais três aparições, entre 1925 e 1929: a Aparição de Nossa Senhora, a Aparição do Menino Jesus e a Aparição da Santíssima Trindade e Nossa Senhora e que integram o denominado ciclo cordimariano.

Do relato desta sétima aparição relevam dois aspectos que haveriam de marcar a vida de Lúcia: a obediência ao bispo de Leiria e, consequentemente à Igreja e a solicitude diante da Mãe, cumprindo esse pedido de Maria, nas Bodas de Canã: Fazei tudo o que Ele vos disser.

Obediência e resistência são as duas “feições” que o teólogo e historiador José Rui Teixeira destaca na personalidade da vidente Lúcia de Jesus.

“O âmago desta vida foi a oração, a intimidade espiritual com Deus. Nesse âmago, nunca esqueceu a Igreja, o Santo Padre; a conversão dos pecadores; a união das Igrejas e a unidade da Igreja; a sua comunidade e essa multidão silenciosa que – de todo o mundo – se recomendava às suas orações”, refere o biógrafo no processo de beatificação e canonização da Serva de Deus.

Num vídeo, que pode ser visto em www.fatima.pt, a propósito do perfil da religiosa, um dos rostos de Fátima patentes na exposição temporária do Santuário, José Rui Teixeira sublinha que, “Por mais que Lúcia tentasse manter-se oculta, por mais que as circunstâncias a isolassem e silenciassem, ninguém a esqueceu, mesmo depois de décadas de clausura. (...) Mesmo quando certos setores da Igreja portuguesa a condenavam a uma certa indiferença, o locutório do Carmelo parecia uma extensão da Cúria Romana e a cela de Lúcia transformava-se numa espécie de mapa-múndi de milhares e milhares de cartas que traziam o rumor de tantas necessidades e intenções”, lembra o teólogo, ao destacar a “grande capacidade de organização” e “obstinação” que permitiram a Lúcia divulgar e promover a Mensagem de Fátima e a devoção ao Imaculado Coração de Maria, ainda que em ambiente de clausura.

A coroação de Nossa Senhora Regina Mundi

No dia 13 de maio completaram-se 75 anos da coroação da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que se venera na Capelinha das Aparições. Foi um dia memorável que estreitou ainda mais a relação entre a escultura e o papado. / Carmo Rodeia

O “grande acontecimento”, com “indefinível alvoroço” (palavras extraídas da Voz da Fátima de maio e junho de 1946), que foi a coroação de Nossa Senhora de Fátima, a 13 de maio de 1946, pelo Cardeal Aloísio Massella, enviado pelo Papa Pio XII, juntamente com a consagração ao Imaculado Coração de Maria, quatro anos antes, revelou-se, sem dúvida, um dos temas que mais polarizou as relações especiais entre Fátima e Roma.

Terminada a II Guerra Mundial, em 1945, sem que Portugal tivesse entrado nela, foi determinada a solene coroação da Imagem presente na Capelinha das Aparições, o que constituiu um dos momentos mais impactantes da história do Santuário, até pelo simbolismo da festa que seria o momento inaugural das Comemorações Marianas, por motivo do terceiro centenário da consagração do país à Imaculada Conceição. Na realidade, o que o episcopado português pretendia era celebrar uma efeméride e com a coroação promover uma celebração de ação de graças pela neutralidade portuguesa na Guerra. Mas as intenções do Papa eram bem mais profundas, conforme conta um dos membros da comitiva cardinalícia enviada a Fátima para a coroação em nome do sucessor de Pedro. Antes da partida, Pio XII lembrou aos que vinham em seu nome que “tivessem sempre viva a consciência da nobilíssima missão que iriam desempenhar, pois iam coroar Nossa Senhora Regina Mundi. (Nossa Senhora de Fátima, Rainha do Mundo)

Em abril de 1946, o jornal Voz da Fátima já empolgava os fiéis anunciando o que se iria passar em maio: “No próximo dia 13 de maio vai ser solenemente coroada pelo Legado especial de Sua Santidade o Papa Pio XII a imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera na Capelinha das Aparições. [...] O Papa que sempre teve uma grande estima pela Nação, Fidelíssimo, tem-nos dado nos últimos tempos provas repetidas de um amor singular. A rematá-las vem agora a honra inapreciável de enviar um Cardeal da Cúria Romana como seu representante especial para proceder à coroação da imagem de Nossa Senhora”.

E, prosseguia na primeira página: “O que isso representa nem somos capazes de o imaginar. Vamos neste mês que falta preparando as almas para esse dia de glória para



a Virgem Santíssima e para a nossa querida Pátria. Prestemos ouvidos à mensagem de penitência que a Mãe da Céu nos trouxe. Emendemo-nos, melhoremos a nossa vida. Afervoremo-nos na piedade e no apostolado da Acção Católica. Que ninguém deixe de se confessar e de comungar nesses dias! Pelas nossas igrejas e capelas façamos devoções públicas. Em cada casa ergamos um altar; seja cada alma e coração um trono para a Mãe de Deus e nossa Mãe! Tudo Ela merece; tudo o que lhe dermos é pouco. Todo o nosso Venerando Episcopado estará presente nesses dias na Cova da Iria. Estarão representantes oficiais do Governo e membros do Corpo Diplomático. Portugal estará na Fátima representado pelo que tem de melhor”. “Com tão alto rumo vai cair na Fátima o poder do mundo. Os que não puderem ir lá estarão, por certo, em espírito e coração. Trata-se de uma cruzada santa para uma mais fraterna humanidade”, escrevia Lino Netto na edição de maio de 1946.

Chegado o dia da coroação, as atenções viravam-se para a imagem, para a mensagem que o legado pontifício trazia e também para esse momento em que o Papa se dirigiria aos peregrinos e ao mundo, a partir de Fátima. A expectativa era enorme, sobretudo depois das referências de Pio XII à Imagem de Fátima como “*perinsignem*” ou “*inclitam*” no texto da nomeação do legado pontifício. Finalmente, chega o momento em que Pio XII se dirige diretamente, pela primeira vez,

aos peregrinos de Fátima, através de uma rádio mensagem: “a este monte santo” onde “a Imaculada Rainha, cujo coração materno e compassivo fez o prodígio de Fátima, ouviu superabundantemente as nossas súplicas”.

Entre os muitos epítetos pontifícios, a imagem é apelidada de “taumaturga” pelo Papa Pio XII, que procura na Bíblia expressões que confirmem a realeza de Maria e partilha-as com o povo “grato e fiel” de Fátima e do Mundo inteiro, a partir da Cova da Iria.

A celebração contou com peregrinações de Portugal e do Estrangeiro, bem como “a representação autêntica e fiel da Igreja de Portugal e de todas as nações”, “uma moldura de 500 bandeiras”, “os aviões cruzavam o espaço, lançando mensagens de saudação e ramos de flores” e, por fim, acabaria por juntar o Santo Padre “pela telefonia do Vaticano”, como relatava a Voz da Fátima em junho numa descrição emocionada e apoteótica.

A partir deste momento, faz 75 anos, a escultura passou a ter não apenas uma nova dimensão física, acrescentada pela belíssima coroa, construída em 1942 pela Casa Leitão e Irmãos, feita de ouro e de mais de 313 pérolas e 2650 pedras, oferecidas pelas mulheres portuguesas, mas, e sobretudo, uma dimensão simbólica de Rainha de Portugal e da Paz, dado que a coroa está associada a um voto concreto e, por isso, é a expressão material de um gesto de ação de graças.

João Paulo II e Fátima: uma relação que se estreitou a partir do atentado na Praça de São Pedro

Nascido há 101 anos, João Paulo II, o primeiro Papa eslavo na história da Igreja e o primeiro não italiano desde o século XVI, manteve com Fátima uma estreita e profunda relação cimentada numa coincidência de datas: o atentado que haveria de lhe mudar a vida aconteceu no mesmo dia em que se deu a primeira aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos, na Cova da Iria, com um intervalo de 64 anos. Esta coincidência foi para ele um sinal claro enviado por Deus: “Quero fazer-vos uma confidência: desde há muito que eu tencionava vir a Fátima, conforme já tive ocasião de dizer à minha chegada a Lisboa; mas, desde que se deu o conhecido atentado na Praça de São Pedro, há um ano, ao tomar consciência, o meu pensamento voltou-se imediatamente para este Santuário, para depor no coração da Mãe celeste o meu agradecimento, por me ter salvado do perigo. Vi em tudo o que se foi sucedendo – não me canso de o repetir – uma especial proteção materna de Nossa Senhora. E pela coincidência – e não há meras coincidências nos desígnios da Providência Divina vi também um apelo e, quiçá, uma chamada de atenção para a mensagem que daqui partiu, há sessenta e cinco anos, por intermédio de três crianças, filhas de gente humilde do campo, os pastorinhos de Fátima, como são conhecidos universalmente”, disse no dia 12 de maio de 1982 aos peregrinos de Fátima, naquela que foi a sua primeira viagem ao Santuário.

“E aqui estou, convosco, peregrino entre peregrinos [...] pessoalmente, para cantar essa misericórdia [...]. Desejo repetir hoje, ainda uma vez, diante de vós, amados irmãos e irmãs, estas palavras, que dizia na primeira audiência após o atentado (7 de outubro de 1981); elas exprimem, em eco, aquilo que sucedeu naquele dia 13 de maio do ano passado; exprimem gratidão ao Altíssimo, a Nossa Senhora e Mãe, aos Santos protetores e a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para me salvar a vida e me ajudaram a recuperar a saúde. Foi ‘graças ao Senhor que não fui aniquilado’. Disse-o a primeira vez na festa de Nossa Senhora do Rosário; repito-o hoje, em Fátima, que tanto nos fala do rosário – da reza do terço – como diziam os pastorinhos. O rosário, o terço, é e permanecerá sempre uma oração de reconhecimento, de amor e de confiante



João Paulo II, momentos antes de ser alvejado por Ali Agca, na Praça de São Pedro, em Roma.

súplica: a oração da Mãe da Igreja!”, referiu no dia seguinte, na homilia da Missa Internacional, a 12 de maio.

Seguiu-se depois uma história emotiva e longa que o haveria de trazer a Fátima por mais duas vezes. Uma história que atravessou todo o seu pontificado, praticamente até ao fim, tendo a última viagem sido concretizada já num momento de grande debilidade, em 2000, por ocasião da beatificação dos dois pastorinhos que haveriam de ser feitos santos pelo Papa Francisco, 17 anos depois.

A 26 de março de 1984, o Papa presidiu à consagração do mundo ao coração de Maria, no Vaticano; a mesma imagem que, em 2000, colocou diante dos bispos de todo o mundo, consagrando-lhe o terceiro milénio.

Ainda a 25 de março de 1984, o Papa oferece ao bispo de Leiria-Fátima a bala do atentado que, mais tarde, seria colocada na coroa preciosa da Imagem de Nossa Senhora venerada na Capelinha das Aparições.

Nessa ocasião, em frente da Imagem que se venera na Capelinha das Aparições, que foi levada a Roma a seu pedido, em março de 1984, o Papa volta a referir-se ao que não conseguia esquecer: “Nossa Senhora de Fátima, a quem somos tão devotos e reconhecidos, também no sentido mais íntimo e pessoal, quiseste visitar-nos neste dia tão importante, aqui em Roma”.

A devoção à oração do Rosário e a preocupação com as “ameaças” ao mundo foram

outros temas centrais das intervenções de João Paulo II, que proferiu uma oração de Consagração a Nossa Senhora, a 13 de maio, na qual deixou, entre outras, a seguinte invocação: “Da guerra nuclear, de uma autodestruição incalculável e de toda a espécie de guerra, livrai-nos!”

João Paulo II voltou a Portugal em 1991, passando, inevitavelmente, pelo Santuário de Fátima, nos dias 12 e 13 maio; durante quatro dias, proferiu 12 intervenções e enviou ainda uma carta, desde a Cova da Iria, aos bispos católicos da Europa, que preparavam uma assembleia especial do Sínodo dos Bispos, dedicada ao Velho Continente.



Coroa integra exposição temporária até outubro de 2022

Completam-se 40 anos sobre o atentado que haveria de mudar o conhecimento da história de Fátima e abriria caminho à revelação da terceira parte do Segredo. / Carmo Rodeia

Ao despedir-se do país, o Papa disse que “Fátima é sempre nova para quem repete a subida à Serra de Aire e procura penetrar, cada vez mais fundo, nos mistérios da Mensagem de Nossa Senhora, ‘a toda vestida de branco’, nas Aparições de 1917 aos três Pastorinhos”.

A 12 e 13 maio de 2000, já com a saúde enfraquecida, João Paulo II regressou a Portugal, para presidir à beatificação dos pastores Francisco e Jacinta Marto. “Desejo uma vez mais celebrar a bondade do Senhor para comigo, quando, duramente atingido, fui salvo da morte”, disse, na sua homilia, exprimindo “a gratidão também à beata Jacinta, pelos sacrifícios e orações oferecidos pelo Santo Padre, que ela tinha visto em grande sofrimento”.

Na mesma ocasião deu-se o anúncio da publicação da terceira parte do chamado “Segredo de Fátima”.

Em 2000, o agora Papa emérito Bento XVI era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (cardeal Joseph Ratzinger) e assinou o Comentário Teológico à terceira parte do segredo, no qual se fala de um “Bispo vestido de branco” que caminha no meio de ruínas e cadáveres, imagem associada ao atentado sofrido por João Paulo II.

Quando em 2000 visita Fátima, deixa uma das suas jóias mais preciosas, o anel *Totus Tuus*, e ainda pediu que a Imagem da Capelinha regressasse ao Vaticano, pela segunda vez, para encerrar o Ano Santo, na Festa de Nossa Senhora do Rosário, com cerca de 1500 bispos, a maior reunião episcopal desde o Concílio.

Já de regresso a Roma, na audiência geral de 17 de maio de 2000, João Paulo II defendeu que “o apelo que Deus fez chegar mediante a Virgem Santa conserva intacta ainda hoje a sua atualidade”.

João Paulo II guiou a Igreja Católica ao longo de mais de duas décadas e meia num pontificado marcante a vários níveis.

Na sua primeira alocução pública como Papa, dirigiu-se à enorme assembleia na Praça de São Pedro afirmando: “Não tenhais medo. Abri, ou melhor, escancarai as portas a Cristo”, palavras que constituíram um verdadeiro programa de pontificado.

Na proposta que desenvolveu com muita energia, Jesus deveria entrar em todas as dimensões da vida humana, para animá-la



Na última viagem ao Santuário, João paulo II beatificou Francisco e Jacinta Marto.

e fortalecê-la, como aliás refere a primeira das 14 encíclicas que deixou como legado. “A tarefa fundamental da Igreja de todos os tempos e, de modo particular, do nosso, é a de dirigir o olhar do homem e de endereçar a consciência e experiência de toda a humanidade para o mistério de Cristo... Simultaneamente, toca-se também a esfera mais profunda do homem, a esfera – queremos dizer – dos corações humanos, das consciências humanas e das vicissitudes humanas”, escreve na *Redemptor Hominis*.

Mestre da fé e da humanidade, João Paulo II reformulou a ideia de uma Europa dividida em dois grandes blocos, cujo fim vaticinou. Na verdade, ele compreendeu, muito antes de outros, que a época do mundo dividido em blocos estava a terminar. A geopolítica mundial pedia novas formas de pensamento e de presença. À globalização do mundo deveria corresponder, por exemplo, um estilo de papado global. E João Paulo II não se poupou, realizando 104 viagens apostólicas, a 129 países. O ecumenismo e o diálogo inter-religioso foram tópicos permanentes do seu pontificado, tendo sido o primeiro Papa a visitar uma sinagoga e uma mesquita. Empenhou-se pessoalmente no Encontro de Assis, que reuniu os principais representantes religiosos de todas as tradições. Insistiu na associação entre prática religiosa e a cultura da paz. Pediu perdão pelos erros da Igreja, sobretudo pelo recurso histórico à violência.

A sua capacidade mobilizadora foi notá-

vel. No célebre discurso feito nas Jornadas Mundiais da Juventude, em Compostela, ele diz aos milhares de jovens que o escutam: “Chegou a hora de empreender uma nova evangelização, e vós não podeis faltar a esta chamada urgente”.

Por Fátima, pelo acontecimento e pela Mensagem fez tudo o que estava ao seu alcance para lhes garantir a chancela pontifícia, como refere a Enciclopédia de Fátima.

No dia 13 de maio, fez 39 anos que São João Paulo II pisou pela primeira vez o solo da Cova da Iria, um ano depois do atentado que sofreu na Praça de São Pedro. Na visita a Fátima sofreria um novo atentado, agora menos grave.



João Paulo II haveria de ordenar a revelação da terceira parte do Segredo de Fátima.

A guerra ou a ausência de paz lida a partir da mensagem de Fátima

/ Carmo Rodeia



Ferido prostrado num campo de batalha da I Grande Guerra Mundial.

Na aparição de julho a questão aparece de forma clara ligada às “ofensas a Deus”. A questão da guerra é quase tão incontornável na mensagem de Fátima como é a da paz: “[...] Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre [...], relata Lúcia nas suas *Memórias*.

Se na primeira aparição Nossa Senhora recomenda aos três videntes que rezem o terço todos os dias para “alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra”, a 13 de julho, a Senhora, que haveria de ser descrita como mais brilhante que o sol, é perentória anunciando-lhes o caminho para o fim próximo do conflito: “se cessarem as ofensas a Deus, a guerra terminará”; caso contrário

um outro conflito ‘ainda pior’ inquietaria a humanidade. Em outubro, a promessa é clara e explícita: o fim da guerra está próximo como para breve está, também, o regresso dos militares portugueses.

A comparação da guerra ao pecado ou, mais tarde, à ausência de Deus, quando se fala da necessidade de conversão da Rússia (uma metáfora dos regimes ateístas emergentes), surge como uma das marcas mais impressionantes da mensagem de Fátima, e o convite à oração e à conversão dos corações insere-se no esforço “da caridade pacifista e da renúncia à violência” a que a Igreja Católica começava a aderir, como escreve José Manuel Sardica em *Guerra*, uma das entradas temáticas da *Enciclopédia de Fátima*.

Com efeito, Bento XV, que, diante de um dos mais sangrentos episódios da história da humanidade, como nós a conhecemos, desenvolveu uma “diplomacia pacificadora”, encontrou em Portugal, país fortemente penalizado pela morte dos seus soldados na frente de combate durante a Primeira Guerra Mundial, e nas aparições de Fátima bem como na mensagem que delas decorreu, a narrativa que poderia sustentar esta nova

atitude do Vaticano, combatendo uma visão de guerra justa que o Catolicismo, até ao século XX, tinha aceiteado. Por isso, as aparições de Fátima e a mensagem clara deixada por Nossa Senhora aos três Pastorinhos, sobre o esforço de conversão, a necessidade permanente de oração tendo em vista a reparação dos pecados e a paz, alimentaram esta renovada preocupação humanista, reforçando, por outro lado, a narrativa antibelicista da Igreja.

A insistência das perguntas sobre a guerra, que tantas vidas já tinha ceifado em Portugal; a cura dos doentes e dos estropeados; o desejo do fim das hostilidades e o regresso dos militares portugueses que combatiam na frente foram temas dominantes no diálogo entre os três videntes e Nossa Senhora e também na própria projeção do evento de Fátima nos relatos jornalísticos da época.

“Na medida em que as aparições se deram no ano-clímax da Primeira Guerra Mundial, coincidindo com a mudança do discurso oficial da Igreja sobre a moral da guerra, não é errado considerar que Fátima foi o contributo dado pelo Catolicismo português para a nova formulação que então se iniciava, da

questão da paz e da guerra no seio da Igreja Católica”, refere ainda José Manuel Sardica no já referido artigo.

As referências à guerra vão depois suceder-se nos discursos dos vários Papas que vêm a Fátima. A partir de 1945, na sequência da divisão do mundo em dois grandes blocos, que marcou o início de uma longa guerra-fria, Fátima passou a ser uma referência inspiradora para a doutrina antibelicista da Igreja, de que os Papas se fizeram mensageiros, comparando a guerra ao pecado e à condenação eterna, e a paz como o fruto da oração e do triunfo do plano salvífico de Deus para a humanidade, que tão bem foi apresentado às três crianças de Fátima.

Recorde-se as referências contra a guerra na encíclica *Pacem in Terris* (de 1963, na qual João XXIII definiu a guerra como algo “alienum est a ratione”, afirmando que seria irrazoável pensar que pudesse resolver os problemas) ou na constituição conciliar *Gaudium et Spes*, nas quais o Vaticano não hesitou em condenar a corrida desenfreada ao armamento.

Todos recordamos as palavras de Paulo VI em Fátima, em 13 de maio de 1967, a favor da paz num momento “de grave situação histórica da humanidade”, marcada pela posse “de um grande arsenal de armas terrivelmente mortíferas”, em que o “progresso moral não iguala o progresso científico e técnico” do Homem. E, o Pontífice lançou, então, a partir de Fátima, um apelo que ressoou em todo o mundo: “Homens, dizemos neste momento singular, procurai ser dignos do dom divino da paz. Homens, sede homens. Homens, sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do Mundo. Homens, sede magnânimos”.



Com João Paulo II sedimentou-se este apelo cristão à não-violência. A forte ligação pessoal que tinha com a Virgem de Fátima, por causa do atentado que sofrera e da sua vida ter sido poupada, mas também a questão da conversão da Rússia, desenvolvida no Segredo, trouxeram várias vezes a mensagem de Fátima para as suas alocações. Numa delas, a 13 de maio de 1991, João Paulo II referia-se à série de acontecimentos que tinham ocorrido a Leste para sublinhar o alcance profético da mensagem cristã de que Fátima fazia eco: “De coração profundamente comovido e maravilhado diante do plano criador e salvífico de Deus para realizar a plenitude a que Ele nos chamou, Eu, Peregrino convosco dessa Nova Jerusalém, vos exorto, queridos irmãos e irmãs, a acolher a Graça e o Apelo que neste lugar se sente mais palpável e penetrante, no sentido de ajustarmos os nossos caminhos aos de Deus [...]. Nestes homens do século XX, revelou-se com igual grandeza quer a sua capacidade de subjugar a Terra, quer a sua liberdade de fugir ao mandamento de Deus e de o negar, como herança do seu pecado. A herança do pecado mostra-se como uma louca aspiração de construir o mundo – um mundo criado pelo homem –, “como se Deus não existisse”. E também como se não existisse aquela Cruz no Gólgota, onde “Morte e Vida se enfrentaram num duelo singular”, a fim de se manifestar que o amor é mais poderoso do que a morte, e que a glória de Deus é o homem vivo”.



Mais recentemente, em consonância com os seus antecessores, Francisco confirma a inadmissibilidade da teoria da guerra justa diante do poder das novas armas, que condena liminarmente: “O mundo, a política e a opinião pública correm o risco de se acostumar ao mal da guerra, como companheira natural da história dos povos, mas as dores da guerra são agravadas também pela pandemia do Coronavírus e pela impossibilidade, em muitos países, de ter acesso aos tratamentos necessários”.

O tema tratado na encíclica *Fratelli Tutti*, nos parágrafos 256 a 262, do sétimo capítulo, dedicado aos caminhos da paz para um novo encontro, o Papa diz que a guerra é a negação de todos os direitos e uma dramática agressão ao meio-ambiente.

Se se quiser um verdadeiro desenvolvimento humano integral para todos, refere Francisco, é preciso continuar incansavelmente no esforço de evitar a guerra entre as nações e os povos (257). Não podemos pensar na guerra como solução; é muito difícil sustentar os critérios racionais amadurecidos noutros séculos para falar duma possível “guerra justa”. Guerra nunca mais (258). O objetivo final da eliminação total das armas nucleares torna-se tanto um desafio, quanto um imperativo moral e humanitário (262).



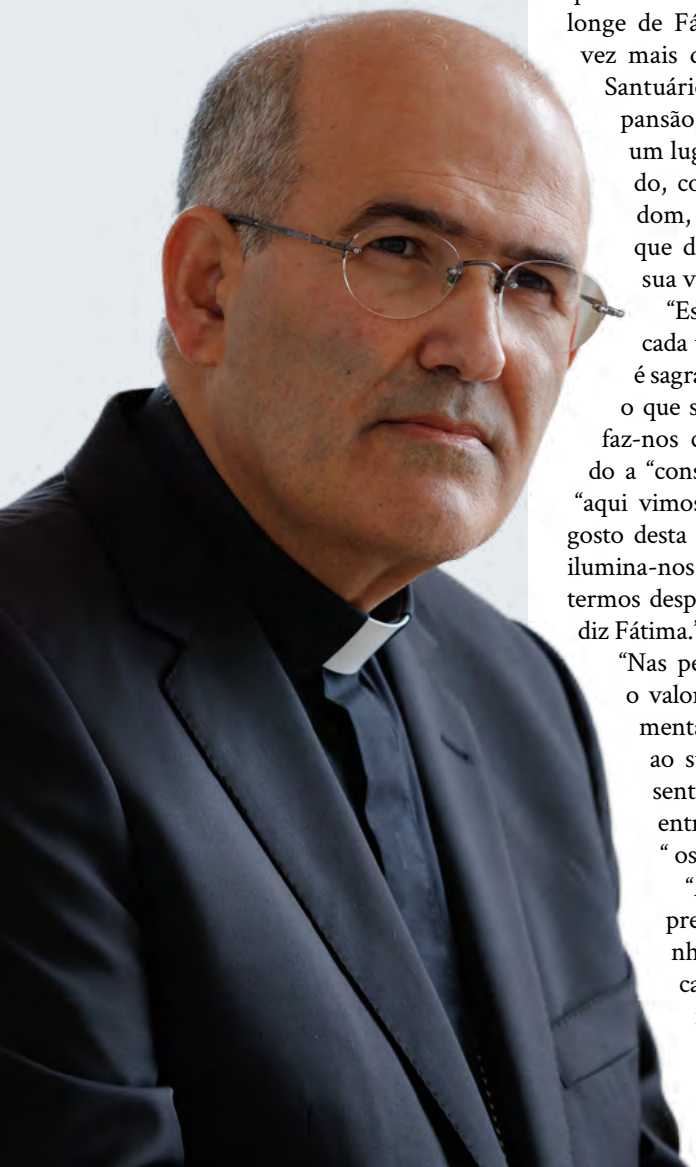
“Fátima é uma espécie de escola onde aprendemos o amor incondicional de Deus” e o Santuário “uma vanguarda da construção da paz”

O Cardeal José Tolentino Mendonça foi o convidado do podcast #fatimanoseculoXXI de junho. O Arquivista e Bibliotecário da Santa Sé fala do sentido da peregrinação, da necessidade que o mundo tem de conversão e da atualidade dos “três endereços” que Fátima propõe à humanidade contemporânea: “conversão, penitência e oração”.

Carmo Rodeia

#FÁTIMA
NO SÉCULO XXI

Cardeal D. José
Tolentino Mendonça



O santuário começa onde? É a pergunta que se faz. D. José Tolentino Mendonça responde, sem dú-vidas, que “começa no coração de cada um”. E onde começa Fátima? “Muito antes de Fátima e Fátima acaba muito depois de Fátima”, responde o cardeal da Cúria romana que presidiu à Peregrinação Internacional Aniversária de maio, que este ano retomou a presença de peregrinos, ainda que de forma muito restritiva.

“Quando o peregrino começa a vir para Fátima a sua vida já é um santuário porque a nossa vida é um lugar sagrado. Então, longe de Fátima já estamos dentro, cada vez mais dentro, e é importante que o Santuário tenha esta capacidade de expansão; não seja só este lugar, mas seja um lugar que ressoa, ressoa chamando, convidando e ressoa dando um dom, uma palavra, uma experiência que depois o peregrino leva para a sua vida”, afirma.

“Esta é a sua grande função: levar cada um a reconhecer que a sua vida é sagrada e que, reconhecer isso muda o que somos, converte-nos e por isso faz-nos caminhar”, esclarece salientando a “consolação” que brota deste lugar: “aqui vimos beber à fonte, mas depois o gosto desta água nova, que aqui bebemos, ilumina-nos muito tempo, depois de nos termos despedido da placa topográfica que diz Fátima.”

“Nas peregrinações a pé descobrimos o valor do caminho que é um sacramental; um sinal de Deus” destaca ao sublinhar a disponibilidade dos sentidos de cada peregrino numa entrega “total e única” para amainar “os desejos e as sedes” do coração.

“A grande peregrinação é sempre interior. Um peregrino caminha no espaço para aprender a caminhar dentro de si. E quando nós não podemos caminhar na geografia do mundo, temos de o fazer na nossa geografia interior e o coração humano é uma grande estrada” afirma.

Nesta entrevista, disponível em www.fatima.pt/podcast e nas plataformas iTunes e Spotify, o cardeal poeta, uma das figuras mais prestigiadas da Igreja portuguesa, reflete sobre a importância da mensagem de Fátima para a humanidade, neste segundo século de Fátima.

“Nós vivemos hoje um momento raro da história; é um momento de transição epocal. Julgo que a pandemia nos empurrou para o futuro, colocando-nos já num momento diferente, num outro momento histórico. E em cada momento histórico nós precisamos de uma reconstrução espiritual, de uma re-descoberta e isso desafia o papel de Fátima no futuro. Eu confio muito no papel de Fátima porque este potencial e força de esperança, que em Fátima se vive, vai ajudar-nos no reencontro connosco próprios e na compreensão mais profunda e mais espiritual daquelas que são as prioridades para o nosso tempo”, insiste ao nomear as grandes prioridades desta “humanidade ferida”.

“As prioridades têm a ver com a qualificação da vida humana. ‘Homens sede homens ...O grito que São Paulo VI e depois de outro modo, adotando-o como seu, do Papa João Paulo II, e que agora acompanha o testemunho do Papa Francisco, é que é preciso qualificar a nossa humanidade, qualificando-a integralmente’ alerta o Cardeal referindo a importância da dimensão espiritual.

Mas Maria é também a rainha do Mundo e da Paz, lembra.

“A mensagem de Fátima é uma mensagem universal; é-o porque aqui se apresenta um Deus que vem falar de misericórdia, que se apresenta de coração nas mãos a falar ao ser humano”.

“Os santuários são lugares onde aprendemos o que significa uma cultura de paz, porque o nosso co-ração se transforma. As armas de guerra são transformadas em arados. Essa é a função do Santuário: uma pacificação do coração humano que depois tem um reflexo nas nossas sociedades. Por isso, o Santuário é uma vanguarda da construção da paz” destaca.

A “ecologia integral” e a mensagem de Fátima: um caminho para a paz

No ano em que é lançada a Plataforma Laudato Si, e se assinala o 6º aniversário da encíclica verde, olhamos para a mensagem de Fátima a partir da relação entre Ecologia e Paz. / Carmo Rodeia

Há na mensagem de Fátima “um potencial de inteligência ecológica” afirmou Isabel Varanda, professora da Universidade Católica Portuguesa, na quinta sessão do Simpósio Teológico Pastoral de 2018 ao refletir sobre O Imperativo da Paz como Ecologia Integral.

A propósito do tema afirmava a investigadora que a Paz e a Ecologia “são conceitos inseparáveis”, desde logo porque a Paz não se resume à ausência de guerra e à paz humana, nem a Ecologia se esgota numa perspetiva ambiental, acrescentando que “a Paz não é possível sem uma justa Ecologia e o equilíbrio ecológico integral sintetiza-se e culmina na Paz com justiça para todas as criaturas e Paz com o Criador”. E, conclui: “existe uma ligação íntima entre justiça, paz e criação. Paz integral, justiça integral e ecologia integral”.

Ao longo de mais de cem anos, os documentos da Igreja e outros a que a Igreja juntou a sua voz, através de pronunciamentos pontifícios, de que se destacam o discurso do Papa Paulo VI nas Nações Unidas; as mensagens papais para o Dia Mundial da Paz, entre 1968 e 2021; a Carta da Terra e, mais recentemente, a encíclica Laudato Si, apontam para a inspiração de uma “ecologia integral” assente, entre outros, em valores como a não violência e a paz.

De modo inequívoco o Papa Francisco afirma no número 92 da referida encíclica: “não podemos considerar-nos grandes amantes da realidade, se excluirmos dos nossos interesses alguma parte dela: paz, justiça e conservação da criação são três questões absolutamente ligadas que não se poderão separar, tratando-as individualmente sob pena de criar novamente o reducionismo. Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição”.

Sendo a Paz um dos eixos centrais da mensagem de Fátima é quase imediato o exercício de relação entre Fátima, Paz e Ecologia.

Nas seis aparições de Nossa Senhora, na Cova da Iria, o tema da guerra e da paz é abundantemente referido, tal como esse

imperativo categórico da necessidade de conversão: a paz do coração, a paz com o irmão, a paz com a criação e a paz com o Criador.

Como nos lembra o próprio Papa Francisco na encíclica Laudato Si, número 225: “parte de uma adequada compreensão da espiritualidade consiste em alargar a nossa compreensão da paz, que é muito mais do que a ausência de guerra. A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum”.

O Papa Bento XVI, na mensagem para o XLIII Dia Mundial da Paz 2010, ano em que visitou Fátima e deixou pistas para as comemorações do Centenário das Aparições, afirmou “se quiseres cultivar a paz preserva a criação”.

Talvez esta seja uma das possíveis chave de leitura da Mensagem neste dealbar do século XXI. A ecologia humana, proposta já por João Paulo II na encíclica Centesimus Annus (1991), e que agora é retomada pela primeira grande encíclica verde da Igreja Católica, desafiará a um estudo mais atuado da Mensagem, que não se fecha em si mesma nem termina com a revelação de um segredo.

Regresso a Isabel Varanda: “A importância maior das Memórias da Irmã Lúcia não se esgota no facto de serem testemunho vivo do acontecimento passado e celebrado. Elas visam mais o futuro do que o passado; são para memória futura e essa memória futura, um século depois, solicita, concretamente, a extensão semântica da mensagem de Paz”.

“Cuidar da Paz é cuidar da ecologia integral. Cuidar da Paz é a exortação que do alto chega aos Pastorinhos Francisco, Jacinta e Lúcia, e por eles, ao mundo inteiro: para que todos se salvem, até acabar com o Inferno; salvação, no sentido da expressão grega sôtèria- como plenitude de vida de todas as criaturas; sôtèria como salvação ecológica integral. Para a salvação de todos e para vencer o Inferno, os pastorinhos dão a sua vida. (...) Este é o alcance imperativo da mensagem de Fátima: paz com justiça para toda a criação, pois não há paz justa sem integridade da criação”, conclui Isabel Varanda no artigo “Fátima: o Imperativo da Paz como Ecologia Integral”.



Atualidade da mensagem de Fátima e importância do Santuário neste tempo de pandemia em evidência na peregrinação de julho

Peregrinação Internacional Aniversária, que evoca terceira aparição, foi presidida pelo bispo de Ourense, Espanha, e lembrou vítimas da pandemia, em particular os jovens e pessoas vulneráveis. / Carmo Rodeia



O bispo de Ourense, Espanha, D. José Montanet, considerou que o Santuário de Fátima adquire, na atual situação pandêmica, “um significado especial”, pelo silêncio que proporciona a quem procura o recolhimento.

Segundo o prelado espanhol, que presidiu à Peregrinação Internacional Aniversária de julho, na Cova da Iria, na qual se inscreveram 12 grupos (Espanha, Itália, Polónia, Venezuela, Croácia e França), “é muito difícil escutar Deus na excitação e nas festas” com multidões, o que faz do Santuário de Fátima um local privilegiado para alcançar esse objetivo.

O bispo D. José Montanet, que desde março de 2020 é o presidente da Comissão Episcopal de Liturgia da Conferência Episcopal espanhola, afirmou mesmo, na homilia da missa do dia 13, que “devemos levar a sério a espiritualidade de Fátima que tem umas conotações muito bonitas: a confissão e a co-

munhão reparadora dos primeiros sábados, a oração pela conversão e pela paz”.

O convite à oração deixado pela Virgem aos três pastorinhos “é real e urgente” diante do sofrimento e da guerra que tantas pessoas enfrentam nos dias de hoje, afirmou ainda o bispo de Ourense.

A partir do relato da terceira aparição, segundo o qual Nossa Senhora pediu aos videntes que aqui regressassem todos os dias 13 e rezassem o terço pela paz e pelo fim da guerra, D. José Leonardo Montanet salientou que “não existe um pedido mais real e urgente. Continuamos a viver experiências de desolação e guerra”. E exemplificou: “Já se questionaram quantas crianças morreram no seio de suas mães na Europa? Sabem quantos suicídios aconteceram nos nossos países de pessoas jovens, que procuraram a própria morte porque a vida tinha perdido sentido para eles? E as famílias, as escolas, as nossas faculdades onde se pregam ideologias

que mais cedo ou mais tarde matam a fé na vida das jovens gerações?”, interpelou o prelado galego ao sublinhar o convite à oração, que encontra neste Santuário “um lugar privilegiado”.

O bispo de Ourense, particularmente ligado a Fátima, como se confessou na noite do dia 12, desafiou os cristãos a serem “testemunhas da esperança e da vida”, cuja defesa deve ser feita porque tem “sentido e deve ser respeitada e amada”. “É uma obrigação da Igreja defender sempre a vida humana”, afirmou o bispo, deixando o desejo de que “as dores e tribulações que o mundo inteiro sofre neste tempo de pandemia não faça perder a esperança” aos fiéis católicos.

A peregrinação de julho volta a evocar o tema de todo o ano pastoral – “Louvai o Senhor, que levanta os fracos” –, com “uma especial intenção pelos que sofrem neste momento de tribulação decorrente da pandemia”.



Mensagem de carinho para o Papa

No final das celebrações, o bispo de Leiria-Fátima, cardeal António Marto, dirigiu um “pensamento particular” de “rápida convalescença” ao Papa Francisco, que na altura se encontrava no hospital, a recuperar de uma intervenção cirúrgica: “Enviamos um voto de uma rápida convalescença e que Nossa Senhora de Fátima e os Santos Pastorinhos continuem a abençoá-lo no dom da saúde e no exercício do seu ministério”, disse D. António Marto, no Altar do Recinto de Oração.

Panamá celebra primeira pedra da réplica da Capelinha das Aparições

13 de maio foi assinalado de forma simbólica com momento celebrativo. / Cátia Filipe



A primeira pedra daquela que será a quinta réplica da Capelinha das Aparições da Virgem de Fátima no mundo, foi colocada no passado dia 13 de maio de 2021, num campo adjacente à sede da Conferência Episcopal do Panamá.

Com este espaço, serão cinco estruturas semelhantes no mundo - Estados Unidos, Brasil, Porto Rico, Filipinas e agora Panamá - da Capelinha - cuja original está localizada no local exato onde a Virgem Maria apareceu em Fátima, em 1917.

Dom José Domingo Ulloa Mendieta, arcebispo do Panamá, foi quem presidiu a cerimónia de lançamento da primeira pedra, acompanhado pelo Núncio Apostólico da Santa Sé no Panamá, D. Luciano Russo, e pelo embaixador de Portugal no Panamá, Gonçalo Teles Gómez.

“Este é um momento especial, de grande alegria e bênção para a Igreja Arquidiocesana; É um sonho realizado”, sublinhou Dom José Domingo Ulloa Mendieta.

Ao colocar a primeira pedra numa terra abençoada momentos antes, Monsenhor Ulloa aproveitou para localizar no mesmo local uma pequena imagem da Virgem de Fátima, e um quadro de São José, para que “aqueles dois santos que o amam e cuidaram muito por Nosso Senhor, acompanhem a construção desta Capelinha, e as pessoas

que aqui vão peregrinar em busca da paz”.

O embaixador de Portugal no Panamá, Gonçalo Teles Gómez, referiu que para o governo português é uma honra que o Panamá seja o quinto lugar no mundo onde é erguida uma réplica da Capelinha, porque “a fé das pessoas aqui é imensa, e eles amam muito a Virgem”.

“Aqui todos os irmãos da América Latina poderão vir em peregrinação, em preparação para uma viagem posterior a Fátima, ou a Lisboa, agora que se aproxima a Jornada Mundial da Juventude no nosso país», frisou o embaixador.

O presidente Apostolado Mundial de Fátima Panamá, Tomás Vásquez Polo, explicou que o local será um local de peregrinação, de silêncio, sem acesso a veículos motorizados,

o que implicará que as pessoas cheguem a pé. Serão instalados passeios e jardins para a meditação dos visitantes e pontes que servirão de passagem à estrada principal.

Em 2017, uma das 13 Imagens da Virgem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima esteve no Panamá, num périplo por várias dioceses. De 23 a 27 de janeiro de 2019, a Imagem Peregrina Nº1 esteve presente na Jornada Mundial da Juventude no Panamá. O Arcebispo do Panamá, Dom José Domingo Ulloa, confiou a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) 2019 Panamá à Virgem de Fátima, em pleno ano do Centenário das Aparições, aquando da visita da Imagem Peregrina Nº2. Do programa constaram momentos celebrativos, visitas a um hospital e a uma prisão, encontros com o clero e com o Papa Francisco.



D. José Tolentino Mendonça defende “novo começo” para a humanidade a partir da mensagem de Fátima

Cardeal apresenta o amor como o “mais verdadeiro, profético e necessário desconfinamento”. / Carmo Rodeia

O cardeal português D. José Tolentino Mendonça, presidente da peregrinação internacional aniversária de maio, afirmou na homilia da missa do dia 13 que o mundo precisa de um “novo começo”, no pós-pandemia, para transformar “a crise em oportunidade” e “a calamidade em esperança”. “O amor é o mais verdadeiro, o mais profético, o mais necessário desconfinamento”, referiu o presidente da peregrinação internacional de maio, na homilia da missa que reuniu 7 500 peregrinos no Recinto de Oração da Cova da Iria.

O cardeal Tolentino Mendonça referiu que a fé transforma a experiência da crise em “ocasião para relançar a vida”: “Olhando para a cruz poderíamos pensar que Jesus estava brutalmente confinado. E estava. Mas o verdadeiro desconfinamento é aquele que o amor opera em nós”.

O colaborador do Papa evocou a experiência de sofrimento de Jesus, que “ensina a transformar as crises em laboratórios de esperança”.

D. José Tolentino Mendonça defendeu a necessidade de um “relançamento espiritual” para o pós-pandemia, que ultrapasse a “expressão material da vida”. “Sem dúvida que é urgente garantir o pão, e esse trabalho exigente – fundamentalmente de reconstrução económica – deve unir e mobilizar as nossas sociedades. Mas as nossas sociedades precisam também de um relançamento espiritual. Sem o pão não vivemos, mas não vivemos só de pão”, afirmou.

O cardeal e poeta português considerou que o mundo enfrenta “um imenso desafio

a renascer”, por causa da crise provocada pela COVID-19. “Não basta voltarmos ao que éramos antes; é preciso que nos tornemos melhores. É preciso um suplemento de alma. É preciso que desconfinemos o nosso coração”, sustentou.

O arquivista e bibliotecário da Santa Sé convidou todos a um “balanço interior” sobre estilos de vida e modelos de desenvolvimento, transformando-os para gerar “uma verdadeira e criativa hospitalidade da vida”. “Não tenhamos dúvidas: a reconstrução pós-pandemia depende do modo como encarmos a fraternidade”, assinalou, citando o pensamento do Papa Francisco.

O cardeal, que chegou a esta peregrinação a pé, como peregrino de Fátima, depois de ter feito alguns quilómetros com as Equipas de Nossa Senhora que assiste, afirmou que é preciso ver para lá das “tantas lágrimas, demandas e promessas”.

“A Fátima nós peregrinos chegamos sempre de mãos vazias. Mas de Fátima levamos, acordado dentro de nós, um sonho. Fátima ensina, assim, como se ilumina um mundo que está às escuras. Seja o pequeno mundo do nosso coração, seja o coração do vasto mundo”, observou. “Obrigado, Senhora, por fazeres deste lugar uma alavanca da nossa humanidade. Um laboratório sem portas nem muros, sempre aberto para a esperança! Em ti, louvamos o Senhor que nos reergue de todas as fraquezas”, destacou.

Já na noite anterior, D. José Tolentino Mendonça

tinha salientado que esta pandemia, marcada pelo luto e pela morte, devia ser uma oportunidade para tornar as pessoas melhores de forma a que o sofrimento não tenha sido em vão. “A turbulência da pandemia também nos desinstalou e nos ajudou a identificar o essencial com mais clareza”, apontou, destacando as perguntas que nasceram no coração humano e se “podem tornar um trampolim de futuro”.

D. José Tolentino Mendonça apontou o desafio de “consolar, de cuidar e de reconstruir” a humanidade, no pós-pandemia, com um olhar de esperança. “Precisamos da esperança para transformar os obstáculos em caminhos e os caminhos em novas oportunidades. Precisamos da esperança para nos unirmos mais, para construirmos sociedades eticamente qualificadas, sociedades que concretizem a justiça social e a fraternidade entre todos os homens”, concluiu.

Evocação da memória de S. João Paulo II e da coroação da Imagem

Nesta celebração evocou-se a memória de São João Paulo II, vítima de um atentado na Praça de São Pedro a 13 de maio de 1981. Evocou-se, igualmente, a coroação da Imagem que se venera na Capelinha das Aparições, a 13 de maio de 1946. Nesta celebração foi retomado o momento da Palavra ao Doente.



Nos dois dias da peregrinação o Recinto de Oração do Santuário de Fátima atingiu a lotação máxima estabelecida mais de uma hora antes do início das celebrações.

As aparições são a “expressão de um sinal de Deus para com a humanidade”

Núncio Apostólico em Portugal destaca papel de Fátima na construção da história da salvação e promove devoção ao Imaculado Coração de Maria. / Carmo Rodeia e Diogo Carvalho Alves

As aparições de Maria, em diferentes países e continentes, como em Fátima há 104 anos, expressam a atenção de Deus pela humanidade, afirmou o Núncio Apostólico em Portugal, D. Ivo Scapolo, na homilia da Missa da peregrinação internacional aniversário de junho, a que presidiu pela primeira vez.

Referindo-se ao papel de Maria como mensageira e colaboradora de Deus, afirmou que “Ela, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja, continua a colaborar para nos ajudar a cumprir na história da humanidade a missão que seu Filho Jesus deixou aos seus Apóstolos, de anunciar o Evangelho e de batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É no marco deste grande plano de Salvação que Deus quis que a Virgem Maria interviesse muitas vezes na história da Igreja”.

“Como Mãe da Igreja, Ela ama-nos e cuida de nós; por isso, Ela vem ao nosso encontro para nos indicar o caminho de conversão a seguir e os instrumentos a utilizar para sermos dignos, um dia, de entrar na Casa de Deus Pai”, esclareceu D. Ivo Scapolo.

“As aparições da Virgem Maria aqui em Fátima, há 104 anos, fazem parte desta missão que Maria está a realizar, pedindo também a nossa colaboração. Como pediu aos três pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, que colaborassem para a salvação das almas, sobretudo para a conversão dos pecadores, assim também hoje nos pede a mesma colaboração”, ressaltou o prelado que representa o Papa em Portugal, desde 2019.

Na segunda homília que proferiu em Fátima, o representante da Santa Sé sublinhou o papel dos Pastorinhos, chamados a colaborar neste plano de Deus. “Podemos dizer que os três pastorinhos são como o grão de mostarda. Apesar da sua fragilidade e pequenez, não obstante tantas ameaças, incompreensões, dificuldades e obstáculos, graças à obra do Espírito e à ajuda maternal da Virgem Maria, estiveram na origem da realidade deste Santuário de Fátima onde tanta gente, como neste momento, vem abrigar-se à sua sombra, buscando consolação, força, graças para si e para os seus entes queridos”, afirmou.

O Núncio recordou, ainda, todos aque-

les que acorrem ao Santuário em busca de “consolação”, de “conforto” e de “esperança”, incentivando, pela segunda vez, os peregrinos de Fátima a viverem a devoção ao Imaculado Coração de Maria, de que a Serva de Deus Lúcia de Jesus foi uma incansável promotora. “Sabemos que foi uma missão que a Irmã Lúcia realizou com muita intensidade, fidelidade e perseverança, encontrando um importante apoio da parte dos vários Papas”, salientou o representante diplomático da Santa Sé, na homilia da celebração da Palavra, que decorreu no altar do recinto de oração na noite da Vigília.

O arcebispo italiano contextualizou, a partir da quarta memória da Irmã Lúcia de Jesus, escrita em 1941, que um dos elementos que caracterizou a segunda aparição de Nossa Senhora, a 13 de junho de 1917, foi o pedido à Virgem Maria que levasse os três pastorinhos “para o Céu”, ao qual a Senhora respondeu: “A Jacinta e o Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir- Se de ti para Me fazer conhecer e amar”.

D. Ivo Scapolo lembrou que o Papa Pio XII “estendeu a toda a Igreja” a memória litúrgica do Imaculado Coração de Maria, em 1944, estabelecendo que se deveria celebrar no dia seguinte à Solenidade do Sagrado Coração de Jesus; e o Papa São João Paulo II elevou-a a memória litúrgica obrigatória, “para lhe dar maior importância”.

Neste contexto, acrescentou que vários Papas efetuaram a “consagração da Igreja e de toda a humanidade ao Coração Imaculado de Maria”, em comunhão com os bispos de todo o mundo, respondendo aos pedidos da Irmã Lúcia.

Nesta “noite especial”, o arcebispo convidou os peregrinos a fazerem uma das partes do Ato de Entrega a Nossa Senhora de Fátima, que São João Paulo II realizou diante da Imagem da Virgem de Fátima, em 1984, na Praça de São Pedro, no contexto do Ano Jubilar da Redenção. “A força desta consagração permanece por todos os tempos e abrange todos os homens, os povos e as nações; e supera todo o mal, que o espírito das trevas é capaz de despertar no coração do Homem e na sua história, e que, de facto, despertou nos nossos tempos”, declarou.



O Santuário como ‘escola de santidade’: da vocação à missão

Simpósio centrado na vida e na santidade de Santa Jacinta Marto contou com debates e reflexões sobre o modo de ser e de viver a santidade a partir do lugar, acontecimento e mensagem de Fátima, na contemporaneidade. / Carmo Rodeia e Cátia Filipe

O Simpósio Teológico-Pastoral “Fátima, hoje: pensar a santidade”, centrado na vida e na espiritualidade de Santa Jacinta Marto, a primeira criança não mártir que a Igreja canonizou, por ocasião do centenário da sua morte, terminou com um apelo claro do cardeal D. António Marto para que o Santuário seja “uma escola de santidade”. “Este Simpósio foi um grande contributo para que o nosso Santuário seja, e continue a ser, uma escola de santidade para o nosso tempo, para o nosso povo, sobretudo os mais simples e humildes, que são a grande maioria dos peregrinos”, referiu o bispo de Leiria-Fátima, no final de três dias de conferências e debates.

“Mostrar o caminho como podemos viver a santidade no quotidiano, na nossa vida concreta, é a verdadeira reforma de fundo da Igreja”, assinalou o cardeal português. “Este é o grande desafio da santidade da Igreja, e estes dias mostraram que a espiritualidade de Fátima continua a ser válida e interpeladora para este nosso século XXI, dando-nos chaves de leitura para esse desafio concreto”, salientou.

A santidade gera “esperança e sentido de vida”

Já na sessão de abertura, o bispo de Leiria-Fátima tinha alertado para o facto de a santidade ser “geradora de sentido e de esperança”.

Na intervenção ‘Dizer a santidade hoje e para hoje, a partir de Fátima’, salientou que muitos dos santos, em particular os dois primeiros deste lugar, aprenderam a encontrar Deus num mundo ao avesso, confrontado com uma guerra e com a ameaça das perseguições à Igreja.

“Confinar Deus na religião e na Igreja é uma tentação forte face ao mundo difícil, contraditório, global e em crise global em que nos toca viver, mas os grandes santos amaram o mundo do seu tempo em crise”, afirmou D. António Marto.

Lembrando o Papa Francisco na exortação apostólica *Exultai e alegrai-vos*, um dos documentos mais citados nos três dias de debate, D. António Marto referiu que, “na perspetiva cristã, a santidade mostra uma extraordinária força humanizadora e uma grande oferta de sentido e de esperança”, alertando para o facto de não se poder falar da santidade “só como um património do passado”, porque “o futuro da Igreja é também história da santidade”.

“A santidade de Jacinta e Francisco é um

exemplo e um apelo a toda a Igreja; cada um tem um perfil espiritual próprio no caminho da santidade: Francisco era mais dedicado à oração e à contemplação e Jacinta vivia mais a compaixão da entrega em favor da humanidade”, disse o cardeal D. António Marto.

Na reflexão, o bispo diocesano assinalou que, no santuário mariano da Cova da Iria, a santidade dos dois pastorinhos “é inspiradora, memória preciosa a não perder de vista, mas a tornar sempre viva e atual”.

Mensagem de Fátima exorta à santidade

Intervindo na sessão de abertura, o reitor do Santuário de Fátima considerou que “pensar a santidade a partir de Fátima faz sentido porque é escola de santidade, quer na mensagem, do Anjo e de Nossa Senhora, quer nos seus protagonistas, nomeadamente nos santos Francisco e Jacinta”. Além disso, apresenta “caminhos e exorta à santidade”, pois os Santos Francisco e Jacinta Marto são “rostos concretos dessa santidade” e através deles a santidade “adquire um rosto familiar, próximo e, sobretudo, desejável e possível”.

Para o presidente da Comissão Científica e Organizadora do Simpósio, Marco Daniel Duarte, “pensar a santidade é uma ousadia”, quer no contexto do pensamento e vivência da humanidade, quer no próprio contexto eclesial, e “vivê-la será a mais feliz das responsabilidades”.

“No decurso de dois mil anos de Cristianismo a expressão de santidade foi sempre tomada como definidora da própria comunidade cristã, no que é a sua identidade e no que é o seu desejo”, assinalou Marco Daniel Duarte.

O Simpósio Teológico-Pastoral contou com intervenções, entre outros, do cardeal

Luis Antonio Tagle, prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos; D. José Ornelas, presidente da CEP – Conferência Episcopal Portuguesa; Crispino Valenziano, do Colégio Pontifício de Santo Anselmo; Jerónimo Trigo, teólogo moralista da Universidade Católica Portuguesa e Teresa Messias, da mesma Universidade.

O regresso presencial e a experiência do lugar

O reitor do Santuário de Fátima admitiu que a pandemia “condicionou toda a ação” da Instituição, “obrigando a um esforço enorme de adequação à nova realidade”. “Entendemos que, apesar de todas as limitações que o momento presente ainda tem, está na altura de recomeçarmos algumas das ações, e o Simpósio Teológico-Pastoral foi uma dessas iniciativas”, referiu o padre Carlos Cabecinhas. “Apesar de todas as limitações, está na altura de recomeçarmos algumas das ações: o Simpósio foi uma dessas iniciativas, o retomar dos Encontros na Basílica foi outra. Temos previsto o Curso de Verão e um conjunto de atividades de caráter reflexivo que tínhamos deixado cair no ano passado e que este ano estamos já a recuperar.

Para o reitor do Santuário de Fátima, o retomar de atividades presenciais, como o Simpósio Teológico-Pastoral, acontece “com todos os cuidados e com a garantia de segurança para os participantes”, procurando também que “possam chegar mais longe, utilizando os meios digitais”.

“É um esforço para deixar um sinal de que, mesmo neste contexto, com todos os condicionamentos, há passos que podemos dar com responsabilidade; queremos dá-los e estamos a dá-los”, afirmou.



Reconciliação, diálogo e comunhão: três rotas de um destino comum a todos os batizados

O presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. José Ornelas, disse que a proposta de santidade visa a “libertação” e a criação de “um mundo novo”, e questionou se esta atitude leva os cristãos a “viver em comunidade” e a entregar “os dons à humanidade”.

“A nossa santidade deixa-se guiar pelo Espírito, pelo viver em comunidade e levar esses dons a toda a humanidade?”, questionou o bispo de Setúbal e presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, durante a conferência que proferiu, em Fátima, “A Santidade como reconciliação: recriar o mundo ferido”.

O bispo de Setúbal começou por referir a necessidade de se “clarificar” o conceito de santidade e estabeleceu uma diferença entre a santidade apresentada no Antigo e no Novo Testamento. “Falar de santidade no sentido da reconciliação é já uma opção feita. Santidade e reconciliação são conceitos que podem parecer distantes: santidade significa separação, distinto, descontínuo, e reconciliação significa reunir, reconsiderar, dialogar, reencontrar”, esclarece.

Regressando à Bíblia, o bispo de Setúbal indicou que o anúncio do Evangelho é a “verdadeira santidade”, porque aponta para a “reconciliação dos povos”. “É um apelo a acolher o amor total de Deus, num espírito que transforma, que convida a um modo de vida, a uma atitude. A santidade não é de defesa, ‘não faz isto ou aquilo’. Não. Santo é o que faz e age pela misericórdia, carinho, e age, antes de mais, juntando a Igreja. Apesar da distinção das origens de cada um, a santidade junta todos”, sublinha.

D. José Ornelas propôs alguns quadros bíblicos para falar de santidade e referiu que ao olhar-se para os gestos de Jesus “se aprende a ser santo”.

O prelado destacou que a santidade “não é um modo de ser parado e autorreferencial”, mas exprime-se “em constante dinâmica e comunicação” no interior e para o exterior da Igreja, e, clarificou, “é dinâmico na busca do rosto santo de Deus, sem o qual a Igreja e a vida de qualquer dos seus membros não tem verdade nem consistência; dinâmico na construção e reconciliação da comunhão fraterna tornada possível pelo Espírito; dinâmico no anúncio do Evangelho, através dos sinais de cuidado dos que mais precisam”.

“Colocar a pessoa que precisa de ser curada no meio é a nova lógica de uma santidade que vem ao encontro do ser humano”, disse o presidente da CEP aos mais de 350 participantes que, presencialmente e por via digital,



seguiram a sua comunicação.

O prelado, que pertence à Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, da qual foi Superior-geral entre 2003 e 2015, lembrou que a “autoridade e a força da santidade estão patentes na palavra e na ação de Jesus” e, por isso, todos os batizados são convidados, em liberdade, a imitem-no, sobretudo na resistência contra o mal.

“Em Fátima os peregrinos são convidados todos dias a acenderem uma luz de esperança, a renovarem a sua consciência batismal e a assumirem a beleza da sua filiação divina [...]. A liturgia do Santuário deve oferecer a possibilidade de se deixar envolver na luz do Evangelho que aqui brilha”

JOAQUIM GANHÃO
diretor do Departamento
de Liturgia do Santuário de Fátima

“Infelizmente o processo de violência em nome de Deus não se reduz ao tempo de Jesus. Também os seus discípulos, com o passar das gerações, esqueceram o tempo em que, como o Mestre, foram perseguidos e martirizados, deixaram-se levar pelos mesmos processos violentos e tornaram-se perseguidores e promotores de exclusão, perseguição e morte”.

“É muito fácil cair no laço da violência, fi-la da sede de poder e de domínio próprios da lógica humana de sucesso e de triunfo, e envolver Deus nesse processo”, afirmou, ain-

da, ao salientar que “a violência nos processos humanos é sempre sinal da falta da presença de Deus ou, mesmo, contrária ao projeto de Deus”. Por isso, concluiu, “tem de soar sempre como a pior das blasfémias falar de guerra santa, de santa inquisição e de monstros sagrados desse género”. “Manipular, excluir, explorar e matar nunca pode ser feito em nome de Deus, que Jesus veio revelar como Pai”. “Ser santo significa unir-se ao caminho humano de Jesus, em união ao projeto do Pai, e fazer da própria vida um dom ao serviço de transformação e reconciliação do mundo”, concluiu.

A Santidade é um caminho

A santidade não é uma ideia “abstrata ou filosófica”, mas antes um caminho que tem de ser percorrido por toda a Igreja, ciente de que também ela é pecadora, afirmou, por seu lado, o cardeal Luis Antonio Tagle. “As notícias sobre os abusos dentro da Igreja contra pessoas vulneráveis como as crianças, os problemas financeiros, mesmo os conflitos internos dentro da Igreja, colocam a sua santidade em questão”, referiu o prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, durante a sua reflexão ‘Crise de santidade: o drama do pecado em Igreja’.

O responsável filipino afirmou que os cristãos “devem ser os primeiros, os mais próximos e os mais disponíveis para ouvir, encaminhar e levar a esperança de Deus aos outros”. “Não podemos esperar ser como Deus; só Ele é verdadeiramente livre do pecado, mas temos a responsabilidade de levar a sua justiça, a sua misericórdia e o seu amor aos outros”, acrescentou.

“Mesmo feridos, os cristãos devem ser os primeiros, os mais próximos e os mais disponíveis para ouvir, encaminhar e levar a esperança de Deus aos outros”, disse o cardeal, sublinhando que “é isso que nos torna santos”. “O chamamento à santidade chega-nos, hoje, em situações de rutura como o tráfico humano, a escravatura, a exploração de pessoas. Parte da nossa santidade é olharmos para estes sinais horríveis de pecado, que percorrem a humanidade, e sermos o rosto de Deus para estes irmãos e irmãs”, esclareceu ainda. “A santidade de Deus é a Sua bondade, o Seu amor que é diferente do amor e do poder humanos”, afirmou ao sublinhar que “a nossa condição não pode conter a santidade de Deus. O povo de Deus está chamado a ser um sinal da santidade de Deus”.

“Vós crianças sois as estrelas vivas de esperança; uma esperança que há de brilhar para toda a humanidade”, afirmou o cardeal D. António Marto

Bispo de Leiria-Fátima presidiu a uma celebração simbólica na Capelinha das Aparições para assinalar a Peregrinação das Crianças, que este ano voltou a não poder realizar-se por causa da pandemia. / Carmo Rodeia



O Santuário de Fátima assinalou no dia 10 de junho, de forma simbólica, a Peregrinação das Crianças que, devido à situação sanitária, ainda não pode acontecer presencialmente, neste dia que em que se acolhiam milhares de crianças e jovens no Recinto de Oração, acompanhados dos seus catequistas e das suas famílias.

“Se não fosse a pandemia, a esta hora o nosso Recinto estaria cheio de crianças e daqueles que as costumavam acompanhar num ambiente de alegria, de cor e de festa”, lembrou o cardeal D. António Marto, que presidiu à celebração na Capelinha das Aparições.

“A pandemia obrigou-nos a fazer assim: vós representais todas as crianças da catequese que queriam estar aqui. Por isso, saúdo, em vós, todas as crianças da catequese, com muito carinho, muita estima e muita amizade, para que sejais capazes de levar a esperança a toda a humanidade”, disse o bispo de Leiria-Fátima, dirigindo-se às 12 crianças, filhas dos funcionários do Santuário de Fátima, que participaram na celebração e depositaram aos pés da imagem de Nossa Senhora, 12 estrelas de esperança, simbolizando o desejo de “mais fraternidade e amizade entre todos”.

“Amiguinhos e amiguinhas, Nossa Senhora conta convosco para tornar Portugal e o mundo mais fraterno e mais belo”, afirmou D. António Marto.

“A pandemia atingiu muita gente e deixou muita dor, muito sofrimento, tristeza, desânimo e desalento em muitas pessoas e famílias. Por isso, hoje, precisamos de transmitir esperança uns aos outros, aquela esperança que Nossa Senhora transmitiu aos Pastorinhos: não desanimes porque Eu nunca te deixarei; o Meu Imaculado Coração, coração de mãe, será o refúgio, o abrigo e o conforto, que conduzirá até Deus”, lembrou o prelado ao destacar a esperança e a paz como tónicas de uma mensagem de que Fátima é herdeira.

“Pusestes as estrelas da esperança: vós crianças sois essas estrelas, estrelas vivas de esperança; uma esperança que há de brilhar nos vossos corações nos vossos olhos e nos vossos sorrisos, através da oração”, afirmou ainda na breve alocução que fez.

“Peçamos a Nossa Senhora que nos livre desta chaga que é a pandemia; que nos torne a todos responsáveis uns pelos outros para que não voltemos atrás; que consigamos ser capazes de cuidar uns dos outros, sobretudo dos mais frágeis” disse, ao interpelar: “estais a ver? Isto é levar a esperança. Nossa Senhora convida-vos a levardes esta esperança à família, à escola, aos vizinhos e a pedirdes que todos se unam nesta esperança para que ela seja transmitida a toda a gente”.

A celebração terminou com a apresentação de um vídeo com o hino da peregrinação cantado por um mega coro virtual. O hino “Oh! Que Senhora tão bonita”, escrito e musicado para esta Peregrinação, foi cantado por trinta coros infantis, de colégios católicos e paroquiais de todo o país, que juntaram as suas vozes às da Schola Cantorum Pastorinhos de Fátima.

Santuário investe na criação de produtos oficiais com selo de qualidade

As última novidades - Incenso Regina e o Carvão Litúrgico - já estão disponíveis nas lojas e na loja on-line. / Carmo Rodeia



O Santuário de Fátima, que tem apostado na criação de uma linha de produtos oficiais, apenas disponíveis nas suas lojas- físicas e on-line-, acaba de lançar no mercado o Incenso Oficial do Santuário de Fátima- Incenso Regina- e o Carvão Litúrgico.

Trata-se do Incenso já usado nas celebrações do Centenário, com uma fórmula exclusiva para as celebrações da Cova da Iria. Esta fórmula foi aperfeiçoada e, neste momento, é este o único Incenso usado em todas as celebrações do Santuário de Fátima.

Os sucessivos aperfeiçoamentos resultam

de uma parceria com um fornecedor, nacional, da região, que desenvolveu a fórmula em exclusivo para o Santuário, analisada, avaliada e aprovada internamente.

A embalagem, ecológica, também foi desenvolvida especialmente para o Santuário, em material com apontamentos alusivos ao seu logótipo oficial, em três tamanhos, 100g, 250g e 500g. Em conjunto foi lançado também o Carvão Litúrgico, oficial, em embalagem ecológica também, com expositor próprio, em embalagem de 10 e 100 unidades.

Estes produtos, que procuram sempre uma aliança entre a qualidade e a sustentabilidade ambiental, terão o selo de Produto

Oficial e estarão disponíveis nas lojas do Santuário, Artigos, Livraria, Paramentaria e Online www.store.fatima.pt.

Entre os produtos oficiais há alguns mais específicos para crianças como canecas, garrafas; canetas, lápis; fitas porta-chaves (Lanyard), cadernos, estojo e pulseiras, mas também uma linha mais geral destinada a adultos como porta-terços, porta-moedas ou tshirts.



Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima percorreu os Centros Assistenciais das Irmãs Hospitaleiras



Uma Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima percorreu os Centros Assistenciais das Irmãs Hospitaleiras.

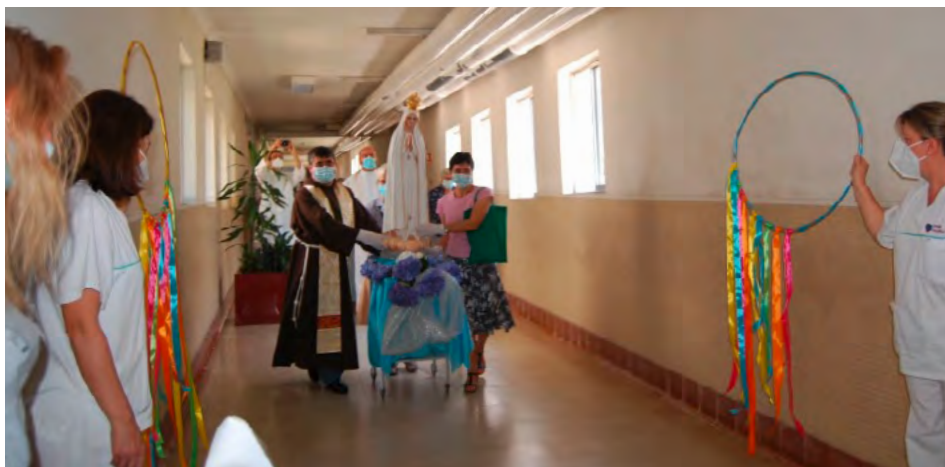
“Em tempos de pandemia, não nos é possível, como era habitual cada ano, reunir-nos em Fátima, como Família unida pela Hospitalidade, mas precisamente porque Maria é Mãe e está sempre presente, especialmente nestes dias de sofrimento e dificuldade, pensámos que nos faria bem, acolhê-la em nossa Casa, vindo ao nosso encontro, em visitação”, pode ler-se em comunicado enviado pela Instituição.

D. Manuel Clemente, Cardeal-Patriarca de Lisboa, presidiu a uma celebração na Casa de Saúde da Idanha, no dia 6 de julho, e falou desse momento de “alegria”, que foi estar presente neste périplo.

Com o lema da peregrinação, “Virgem

Maria, Mãe da Visitação”, as visitas têm proporcionado “momentos de Celebração bonitos e vividos”, com “muita fé, afeto, devoção, alegria e beleza”.

O comunicado informa ainda que os centros hospitalares da Madeira e dos Açores, de Angola e Moçambique, partilham momentos celebrativos, através dos meios digitais.



Já foi retomado o périplo da Imagem da Virgem Peregrina n.º 6 pela Nicarágua

Visita começou em janeiro de 2020. / Miguel Garcia | Colaborador da Missão Fátima Nicarágua

Após uma longa pausa na peregrinação da Imagem da Virgem Peregrina n.º 6, devido à pandemia, esta já foi retomada e já visitou 5 dioceses: Jinotega, Matagalpa, Estelí, Leão e Bluefields, uma das mais recentes do país e a mais remota na costa das Caraíbas da Nicarágua.

A Imagem da Virgem Peregrina está a ser recebida com muito amor pelos fiéis de cada paróquia. Muitos deles percorrem grandes distâncias das suas comunidades até às igre-

jas paroquiais para virem venerar a Imagem e rezar diante dela.

A passagem da Imagem da Virgem Peregrina por cada região e cidade do país está a deixar um rasto de luz e de esperança, e as pessoas preparam-se da melhor forma para a receberem, com danças, canções, poesia, celebrações e procissões, pois, mesmo no meio da pandemia, a presença da Virgem traz conforto a todas as nicaraguenses.

O programa prevê ainda uma visita às

dioceses de Siuna, Juigalpa, Granada e à arquidiocese de Manágua.

Antes do interregno, a Imagem percorreu Santuários e Templos de grande relevância nacional, como o Santuário do Salgueiro e a Basílica da nossa Padroeira Nacional, em homenagem à Imaculada Conceição no Velho, Chinandega.

A imagem n.º 6 da Virgem Peregrina de Fátima iniciou a sua viagem na catedral metropolitana de Manágua, em janeiro de 2020.

Paróquia de Aljustrel, diocese de Beja, vive intensamente mensagem de Fátima

/ Tiago Pereira

No passado dia 4 de abril, domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor, dia em que se assinalavam também os 102 anos da morte de São Francisco Marto, após a celebração da eucaristia, o pároco e assistente paroquial do Movimento da Mensagem de Fátima de Aljustrel, Pe. Luís Macuinja, presidiu à bênção das Imagens dos Santos Pastorinhos, Francisco e Jacinta Marto, que foram oferecidas para a capela de Nossa Senhora de Fátima, em Rio de Moinhos, que se situa numa sala da Escola Primária daquela aldeia, espaço cedido pelo Município de Aljustrel, em 2014.

Após a bênção, foi entronizada junto das imagens uma relíquia dos Santos Pastorinhos. A relíquia, de 2.º grau, é um fragmento dos caixões dos dois Santos Portugueses, e foi concedida pela Fundação Francisco e Jacinta Marto (antiga Postulação da Causa de Canonização). Esta relíquia que foi concedida à paróquia Aljustrel, para a comunidade de Rio de Moinhos, vem fortalecer ainda mais os laços existentes entre Rio de Moinhos e a Cova da Iria, tendo no ano 2015 recebido nesta capela a Imagem Peregrina da Virgem de Fátima.

Após este momento, o presidente do Movimento da Mensagem de Fátima de Aljustrel, Tiago Pereira, explicou aos presentes o que era o MMF, e os benefícios, direitos e deveres que cada mensageiro tem ao fazer parte desta grande família que se compromete a viver e a divulgar a mensagem de Nossa Senhora de Fátima. Em seguida, os oito novos mensageiros fizeram o seu compromisso de membros deste movimento, e os que já o tinham feito renovaram o compromisso, terminando com a consagração a Nossa Senhora.

Mês de Maria foi intensamente vivido pela comunidade de Aljustrel

As celebrações iniciaram no dia 1, Dia de São José Operário, padroeiro da diocese de Beja, e simultaneamente o primeiro sábado do mês, com a adoração eucarística, a recitação do terço e a eucaristia no Santuário de Nossa Senhora do Castelo. No dia seguinte, 2 de maio, Dia da Mãe, foram oferecidas flores a Nossa Senhora pelos paroquianos, antes da eucaristia dominical, e no momento de ação de graças, crianças e catequistas



homenagearam as mães e Nossa Senhora, “nossa Mãe do Céu”, com a declamação de poemas e a oferta de flores à Virgem Santíssima. No dia 13 de maio, Dia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, houve recitação do terço à tarde e a seguir a eucaristia da Festa da Virgem Santa Maria do Rosário de Fátima, na igreja matriz de Aljustrel, e à noite, em frente à capela de Nossa Senhora de Fátima, em Rio de Moinhos, teve lugar a celebração da bênção das velas, à qual se seguiu a recitação do terço, seguindo depois a Imagem de Nossa Senhora no carro dos Bombeiros Voluntários de Aljustrel, acompanhada pela GNR e por aqueles que de carro se quiseram associar a este cortejo, pelas ruas de Rio de Moinhos, Bairro de São João do Deserto e Aljustrel, que se engalanaram para a passagem da Virgem no andor. Estavam às portas, de vela na mão, a aguardar tão sublime visita, fazendo recordar o que, no dia 13 de maio de 2020, disse o cardeal D. António Marto, em Fátima: “Hoje fazes tu o caminho da ida; o caminho da volta fá-lo-emos nós, quando superarmos esta ameaça que no-lo impede.” O cortejo terminou na igreja matriz, onde o pároco, Pe. Luís Macuinja, consagrou as famílias à “Senhora mais brilhante que o Sol”, que há 104 anos visitou a lusa gente de quem é a padroeira.

No dia 22 de maio, à noite, teve lugar a vigília de Pentecostes, na igreja matriz, na qual participaram, de forma especial, os catequizandos que se estão a preparar para

receber o Sacramento do Crisma e muitos outros paroquianos que, como Maria e os Apóstolos, aguardavam no cenáculo a vinda do Paráclito. Para encerrar o mês de Maria, o pároco presidiu à eucaristia da Festa da Visitação de Nossa Senhora, na igreja matriz, que foi precedida da recitação do terço, que se rezou todos os dias, sendo dinamizado à semana pelas quatro equipas de liturgia e ao domingo pelo Movimento da Mensagem de Fátima.



“Fátima é um lugar seguro e não faltam bons motivos para regressar”, assegura padre Carlos Cabecinhas

Pela primeira vez o Workshop Internacional de Turismo Religioso assume formato digital

Cátia Filipe



O IX Workshop Internacional de Turismo Religioso, promovido pela Associação Empresarial Ourém-Fátima, em colaboração com o Santuário de Fátima, o Município de Ourém, o Município da Guarda, o Turismo do Centro e Turismo de Portugal, assumiu este ano um formato digital.

Em março de 2020, o VIII Workshop Internacional de Turismo Religioso antecedeu em poucos dias o confinamento imposto pela pandemia.

Esta IX edição “manifesta esperança e assinala a vontade de superar a situação que vivemos e que tão fortemente condicionou toda a atividade turística, em geral, e o turismo religioso em particular”, considera o padre Carlos Cabecinhas, reitor do Santuário de Fátima.

Neste contexto, “sendo Fátima o mais relevante destino de turismo religioso

português e, mais ainda, sendo Fátima um destino de turismo religioso globalizado, os efeitos têm sido especialmente onerosos e mesmo dramáticos”.

O responsável por um dos maiores santuários marianos do mundo afirmou que “Fátima está preparada para acolher os visitantes”. “O Santuário de Fátima preparou os seus espaços para garantir segurança sanitária quer aos visitantes, quer aos colaboradores, funcionários e voluntários, e o mesmo fez a hotelaria, a restauração e o comércio”, garantiu o padre Carlos Cabecinhas.

O Santuário tem procurado oferecer também possibilidades de fazer a experiência de Fátima pelos meios digitais, para aqueles que, no momento presente, não podem deslocar-se. “Propusemos podcasts para a preparação de peregrina-

ções, disponibilizamos a transmissão de celebrações e de outras atividades, preparámos e divulgámos vídeos, documentários e outros formatos como oferta para os que não têm podido vir a Fátima”, recordou o sacerdote, indicando que apesar de todo este trabalho o desejo é que os peregrinos “venham e visitem”. “Fátima é um lugar seguro e não faltam bons motivos para regressar a Fátima”, disse o padre Carlos Cabecinhas.

O Workshop Internacional de Turismo Religioso tem como principais objetivos promover uma bolsa de contactos de negócio entre os participantes, promover internacionalmente Portugal enquanto destino privilegiado de Turismo Religioso e reforçar a importância do Turismo Religioso no contexto do setor turístico mundial.

**FÁTIMA
LUZ
E PAZ**

Diretor: Padre Carlos Cabecinhas * **Propriedade, Edição e Redação:** Fábrica do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima * **NIF:** 500 746 699 * **Morada:** Santuário de Fátima – Rua de Santa Isabel, 360, 2495-424 FÁTIMA * **Telf.:** +351 249 539 600 * **Fax:** +351 249 539 668 * **Email:** press@fatima.pt * www.fatima.pt * **Depósito legal** n.º 210650/04 * **ISSN:** 1647-2438 * Publicação doutrinária digital * **N.º de Registo na ERC** 127627, 23/07/2021

SUBSCRIÇÃO GRATUITA ANUAL = 4 NÚMEROS

Envie o seu pedido de subscrição para: assinaturas@fatima.pt

Indique o idioma em que pretende receber a edição: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, Polaco, Português

Envio de donativos para apoiar esta publicação:

Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 5003 2983 2480 5

Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5 BIC/SWIFT: BCOMPTPL

Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima, Rua de Santa Isabel, 360 – 2495-424 Fátima Portugal

Ajude-nos a divulgar a Mensagem de Nossa Senhora através da “Fátima Luz e Paz”!

As notícias deste boletim podem ser publicadas livremente. Deve ser identificada a fonte e, se for o caso, o autor.